

Resenha

Resenha de: BOCCA, Francisco Verardi. *Do Estado à Orgia: Ensaio sobre o fim do mundo: Hobbes – Locke – Condillac – La Mettrie – Sade*. Curitiba: CRV, 2016. 166 p.

Lucas Piccinin Lazzaretti

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Bolsista CAPES.

E-mail:
lucaspizzaretti@hotmail.com

Ao confrontar-se com a literatura erótica francesa do século XVIII, Francisco Verardi Bocca percebe a existência de um fenômeno que transcende os limites da mera recreação a que esses textos normalmente foram associados, uma vez que é possível identificar em tais escritos a presença de debates e influências filosóficas das mais diversas vertentes – éticas, políticas, epistemológicas, etc. –. É com base nessa percepção inicial que começa por delinear o livro, *Do Estado à Orgia: Ensaio sobre o fim do mundo*, onde toma a obra de Sade como a chave interpretativa que o permite mobilizar toda uma análise histórico-conceitual voltada para o desenvolvimento de um projeto filosófico que corresponde à própria modernidade.

Nessa chave, apresenta dois autores como os pontos inicial e final da condução do projeto moderno referente à natureza humana: Hobbes, o começo e Sade, o término. Para o autor, “todos sabem que o projeto filosófico da modernidade promoveu a ultrapassagem da concepção clássica de homem, tarefa que recebeu, dentro outros, de Thomas Hobbes inestimável contribuição” (p. 15), já que o filósofo inglês é responsável pela formulação de uma ideia de natureza humana baseada na articulação das paixões, retirando daí as conseqüências *pedagógicas* de caráter político e ético já tão conhecidas. Sade, por sua vez, parece, à primeira vista, estar no extremo oposto deste projeto, dada a sua adesão à exacerbação *anti-pedagógica* no que diz respeito às paixões que estruturariam a natureza humana. É entre o Estado (Hobbes) e a Orgia (Sade) que o autor desenvolve seu trabalho hermenêutico, apontando que “será no encalço da investigação acerca das paixões humanas (como amor, desejo e prazer) que (podem ser estabelecidos) os vasos comunicantes entre Hobbes e Sade” (p. 15).

O livro inicia-se por uma análise sobre a *mecânica para o desejo*, e segue os primeiros apontamentos hobbesianos que derivam da pergunta que destaca o projeto da modernidade: “o que é o homem?”. Para o filósofo inglês, uma compreensão sobre essa questão só pode ser dada pela base do emprego de um ponto de vista empirista e mecanicista da natureza humana e das sociedades políticas (p. 29). Partindo de uma recusa do inatismo cartesiano, Hobbes atribuiria à natureza humana unicamente as faculdades e potências naturais, produzindo assim uma filiação muito mais estrita entre o homem e a própria natu-

reza (p. 31). As conseqüências mais radicais dessa formulação são encontradas em sua obra, *Leviatã*, na qual o filósofo “assumiu a perspectiva de que a sensação e movimento constituem uma unidade, um par completamente identificado, afirmando que todas as sensações têm causa exterior” e, assim, são os objetos exteriores aqueles que “provocam reação nos órgãos dos sentidos” (p. 33). Essa visão mecanicista permite a Hobbes atribuir à natureza humana uma espécie de aspecto dinâmico, ainda que absolutamente inserido dentro das leis naturais. O jogo entre prazer e desprazer conduz o tom das relações humanas assim tomadas em sua mais elementar natureza, a tal ponto que o filósofo inglês pode então retirar a conseqüência mais afamada de sua obra, isto é, que em tal estado o homem está lançado aos ditames de sua própria natureza, ou seja, de seus próprios desejos e prazeres. O passo pedagógico que pode ser dado a partir daí é igualmente conseqüente, pois é a própria solução hobbesiana para o problema supramencionado:

Em poucas palavras, cabe ao Estado na figura do soberano e com os instrumentos que lhe compete oferecer objetos adequados para os desejos humanos, ou melhor, regras para escolha de bons objetos e de discernimento dos maus, já que por definição estas não podem ser extraídas de maneira estável da relação entre ser desejante e objeto de desejo. Tudo isso aponta claramente sua compreensão de que a natureza produziu num certo aspecto homens únicos e dissociados, portanto inadequados para a sobrevivência, mas dotados da capacidade de alcançar a prudência necessária para transferirem ao Estado a incumbência e a prática da sutura, da recomposição de seu tecido esgarçado, da tutela e da criação de laços sociais seguros. (p. 45)

Trata-se, portanto, não apenas da argumentação sobre a fundamentação do Estado Moderno, mas também diz respeito, simultaneamente, como bem demonstra Bocca, de um projeto de “educação”, “submissão” e “pedagogia” das sensações com vistas a estabelecer o controle dos desejos e prazeres, uma vez que eram esses os grandes algozes, segundo a visão hobbesiana. Segundo bem pontua o autor, “a submissão ao Estado põe em movimento um processo pedagógico que progressivamente elimina diferenças e institui identificações” (p. 46), tomando como base para tal submissão os elementos da natureza humana apontados pelo próprio filósofo.

A passagem da filosofia tal como era realizada na Inglaterra para as terras francesas não acontece sem uma prévia disposição existente no lado do continente, como demonstra o autor. O empirismo e materialismo chegam à França não apenas por força do pensamento de Hobbes, mas também de Locke, Newton e outros pensadores, de tal forma que “é importante reforçar

que o projeto filosófico moderno, particularmente o materialismo francês, resultou na consideração da força gravitacional como fundamento do mundo inorgânico e da sensibilidade como fundamento do mundo orgânico” (p. 49). Com o tratamento dado por Condillac, essa recepção recebe contornos particulares, de modo que a teoria dos afetos é abordada por um via de igualdade no âmbito da matéria e o jogo entre prazer e desprazer passa a ser entendido como um reflexo, no homem, de sutilezas da própria matéria. Segundo Bocca, ao comentar Condillac, “a sensação foi entendida e explicada, sem distinção entre o que é da ordem do orgânico e do inorgânico, como resultante de uma insinuação entre átomos” (p. 51). O filósofo francês aprofunda o projeto moderno, produzindo então uma hierarquização das paixões e, ainda, revertendo a relação entre razão e paixão, conferindo às paixões um relevo antes dado à razão.

Ao considerar essa reversão hierárquica entre razão e sensação, Condillac aprofunda as considerações já antes realizadas tanto por Locke quanto por Maine de Biran, postulando que “a sensação como unidade e fundamento”, da qual pode-se retirar as conseqüências de uma “maquinaria mental” na qual a razão é resultado dessas atuações sensíveis prévias (p. 60). Nessa estrutura não só mecanicista, mas fortemente materialista, o filósofo retira uma “concepção inédita”, isto é, afirma que é “o desejo que passa a comandar o processo espiritual do homem” (p. 67), deslocando o privilégio da razão como instrumento capaz de *regular e condicionar* as sensações ao seu bel prazer.

Com base nas considerações de Condillac, La Mettrie pode então intensificar esse projeto, de modo que o título escolhido por Bocca para abordar essa passagem é providencial: “quando a máquina é sensível” (p. 69). Mantendo-se a estrutura mecânica ou mecanicista do entendimento sobre a concepção da natureza humana, La Mettrie teria não apenas recepcionado a reversão na hierarquização proposta por Condillac, mas teria submetido a razão aos ditames da sensação, a tal ponto que “o papel da razão [passa a ser] o de habilitar o homem a sentir sensações prazerosas” (p. 71). Apesar da franca referência aos pensadores de seu tempo, vê-se também a influência dos clássicos, sobretudo de Sêneca, na obra de La Mettrie o que nas palavras Bocca desenvolveu “um tipo de imanentismo que funde vitalismo e mecanicismo e promove a continuidade entre o campo da mecânica e o da fisiologia, na medida em que concebe o homem máquina segundo um modelo mecânico e um processo fisiológico” (p. 81).

A problematização que a obra de La Mettrie traz, no entanto, não é apenas de ter avançado sobre considerações que se encontram no seio do projeto filosófico, mas cabe ao filósofo francês a inserção de considerações sobre aspectos éticos que encontravam eco dos estudos clássicos. Ao relacionar a meca-

nicidade do homem com a predominância de uma fisiologia, La Mettrie pergunta-se também pelo estatuto e lugar da felicidade, e que o entrecruzamento entre estóicos e modernos produz, portanto, conseqüências únicas. Bocca então pondera de forma judiciosa quando considera ver “como conseqüência possível deste ponto de vista o reconhecimento e o endosso de um egoísmo intrínseco e irrestrito no homem, ao depositar no corpo e na sensibilidade todo seu critério de felicidade” (p. 84).

Se considerado o início do projeto moderno apresentado pelo autor, isto é, o pensamento de Hobbes, há que se considerar que o traço do egoísmo já se encontrava presente também no filósofo inglês, mas é a inversão produzida na hierarquia entre razão e sensibilidade, promovida antes por Condillac, o que cria a condição para uma tese que se mostra distante daquela inicialmente professada por Hobbes: a felicidade é considerada, ao menos inicialmente, como estando associada às sensações, ou seja, aos ditames do prazer e desprazer e, não, como talvez quisesse o criador do Leviatã, à submissão dos prazeres e desprazeres aos cálculos racionais.

Muito embora La Mettrie tenha sustentado tais teses radicais, faz parte do acurado trabalho de Bocca ter alertado que a acusação – feita já pelos contemporâneos do filósofo – de imoralismo não procedem em sua totalidade, pois este se preocupou em formular considerações sobre a ordem do espírito, conjecturando que é a via da prudência e do regramento que permitem o alcance da felicidade. Ainda que não submeta o regramento a uma razão externa – ao Estado, por exemplo –, La Mettrie não deixa de recomendar uma espécie de pedagogia moral. De acordo com o autor:

mesmo para um hedonista, o prazer simplesmente conduzido ao excesso e irrestrição, ao seu acúmulo e multiplicação em série, sustentando e dando oportunidade a sua própria natureza efêmera, seria reconduzido à ordem da libertinagem ou do desregramento. Isso caracterizaria para La Mettrie sua fruição inadequada, diríamos hoje, perversa. Longe disso, o que nosso hedonista conseqüente recomendou foi a felicidade atingida pela via do polimento e lapidação do prazer enquanto sensação bruta. (...) a reflexão deve atuar na promoção de um hedonismo refinado e superior, diríamos hoje, sublimado, justamente pela indicação de uma via que concilia intensificação e durabilidade do sentimento aliada à conservação do corpo humano. (p. 99)

É interessante notar como o autor conduz essa reconstrução histórico-conceitual, delinea as passagens desenvolvidas pelos autores e demonstra de que forma o projeto moderno recebe uma série de torções que permitem a inserção de Sade nesse contexto. E não por outra razão, é justamente Sade quem suce-

de La Mettrie na estrutura do livro, uma vez que o filósofo escandaloso demonstrava ser fortemente influenciado pelos escritos do autor de *O homem-máquina*.

Sade recebe a concepção mecanicista da natureza humana, concordando com as leituras que dispõem o homem como o campo onde se desvela um jogo entre prazeres e desprazeres. Contudo, obtém através dessa estrutura da natureza humana consequências éticas e políticas absolutamente novas quando denega a possibilidade de uma espécie de *ortopedia* comandada seja por uma razão externa – o Estado –, seja por uma forma de auto-regramento, indicando como alternativa, então, a exacerbação das forças sensíveis que regem a maquinaria humana. Para Bocca, “Sade sustentou que toda faculdade racional uma vez entendida como derivada da sensibilidade deveria antes permanecer a ela associada, quer dizer, a seu serviço, atuando segundo a finalidade de atender a suas inclinações e interesses” (p. 108).

A enfática negação à razão ao controle pedagógico e à moralização fornece à Sade os aparatos para um projeto singular que propõe a obtenção dos resultados mais opostos à pretensão de conservação hobbesiana, isto é, busca a extinção, o esgotamento e, de forma única, a aniquilação. Sade parte da noção de inclinações sensíveis, mas, contrariamente aos filósofos que o precederam, não busca uma espécie de mediação ou de regramento perante o jogo entre prazer e desprazer. Afirma, por sua vez, que a maquinaria humana é voltada para a busca do máximo de excitação possível, deslocando então, com seu golpe final, o âmbito do Estado para aquele da Orgia. Francisco Verardi Bocca faz sobre esse ponto uma das reflexões mais perspicazes de seu livro, admitindo que, nessa inversão, Sade não é capaz de abandonar totalmente a categoria da “pedagogia”, tal como ela vinha se apresentando no projeto moderno desde Hobbes, mas teve de produzir, por sua vez, uma última inversão, realocando tal pedagogia para dentro do processo desencadeado pela Orgia:

Enquanto o Estado, para Hobbes, tem por finalidade educar a sensibilidade orientada para sua manutenção e desfrute elevado e duradouro, na Orgia ela é (re)conduzida para sua realização segundo sua natureza convulsiva. Em síntese, a felicidade libertina está na morte e reside na sua coerência filosófica. Por conta disso a Orgia tem por finalidade uma pedagogia a um só tempo teórica e prática, posto que enquanto aniquila os valores virtuosos instaura os libertinos aplicando-os imediatamente no próprio corpo dos participantes, proporcionando um aprendizado e uma preparação para a morte. (p. 133)

do os contornos de um projeto filosófico que, em suas muitas variantes externas, permitiu, em uma de suas demonstrações, a oposição quase extrema entre resultados que derivaram de fontes iniciais muito próximas. Como pontua o autor, “a Orgia visa, num movimento inverso ao de Hobbes, a desconstrução de sujeitos civilizados enquanto recupera indivíduos atomizados, verdadeiros seres de exceção” (p. 138). Isso não significa, no entanto, uma apologia à opção da Orgia, mas uma consideração sobre os frutos produzidos pelo pensamento vivo de Sade.

Por fim, é preciso dar atenção para uma tese que Bocca insere apenas ao final de seu livro, e a qual parece ser também a abertura para a continuidade de um trabalho de pesquisa. Segundo o autor, “a Orgia, particularmente devido à sua arquitetura e a seu lugar de ocorrência, pode igualmente ser pensada como ilustração de um sistema físico entrópico” (p. 140). Para sustentar sua tese Bocca faz confrontar então as posições físico-biológicas de Erwin Schrödinger e André Lwoff. A intenção é demonstrar que a estrutura da Orgia sadeana corresponde a um modelo entrópico, conduzido a um fim e, como pode ser antevisto pelos livros de Sade, um fim emblemático. Pelo pouco espaço que essa tese tem para ser desenvolvida, acaba por deixar muitos contornos por serem delineados, como, por exemplo, a disposição para ler Sade pelas vias de autores contemporâneos que, muito embora trabalhem com sistemas físicos – aos quais se Sade filiava – o fazem desde uma perspectiva não puramente mecanicista, mas já influenciada pelas mudanças paradigmáticas engendradas pela física quântica. Ademais, poderia considerar-se que, tomando o projeto moderno levantado pelo autor, caberia questionar, ainda, de que forma os extremos – Hobbes e Sade – relacionaram-se em um campo ético-político, sobretudo quando se pode considerar que tal projeto moderno não tenha ainda recebido seus últimos pontos finais. Se a resposta é simplesmente aquela de um recurso à aproximação cientificista com a física, a biologia ou a química, então a singularidade sadeana pareceria ter pouco a oferecer ainda hoje. Contudo, se os termos da oposição, agora exemplarmente apresentados pelo trabalho de Francisco Verardi Bocca, podem ser analisados não pelas vias das limitações histórico-filosóficas, mas pela abertura de um potencial especulativo, então parece haver aí a necessidade de reconhecer onde começa o Estado e termina a Orgia no Estado-Orgia contemporâneo.